

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos [recurso eletrônico] / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-046-9 DOI 10.22533/at.ed.469202505</p> <p>1. Letras. 2. Linguística. 3. Artes. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Linguística, Letras e Artes e Novas Perspectivas dos Saberes Científicos, coletânea de dezessete capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Realizando um levantamento histórico em relação aos cursos de Letras e os seus estabelecimentos nas terras brasileiras, temos **OS CURSOS DE LETRAS NO BRASIL QUINHENTISTA E OS MONUMENTA ANCHIETANA: UMA ANÁLISE À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**, de Leonardo Ferreira Kaltner. Ainda na órbita da Linguística, temos **ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POSSIBILIDADE DE ESTIMULAR MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS DE DISCENTES PARA EVENTOS DE LETRAMENTO**, de Ewerton Lucas de Mélo Marques e Maria Auxiliadora Bezerra, e **LÍNGUA-ESTRUTURA E LÍNGUA-ACONTECIMENTO: UM OLHAR SOBRE O TÓPICO “GRAMÁTICA/DISCURSO” DA PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA**, de Fabiane Aparecida Pereira, que problematizam a questão do estágio supervisionado e a proposta curricular de Santa Catarina, respectivamente.

A TUPINOLOGIA E SEUS CRÍTICOS, de Eduardo de Almeida Navarro, **UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES INDIVIDUAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**, de Rodrigo Schaefer, e **SABERES LOCAIS E O TEXTO MULTIMODAL: PRÁTICAS DE TRANSLIETRAMENTOS NA FRONTEIRA**, de Adriane Elisa Glasser e Maria Elena Pires Santos, fecham a etapa de estudos linguísticos com contribuições sobre a língua tupi, o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e o translietramento.

A seção de Literatura congrega **O CONTO PERDIDO EM VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS, DE RUBEM FONSECA**, de Lucio Flavio Rocha Junior, e **QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA – A ESCRITA DE SI EM CAROLINA MARIA DE JESUS**, de Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos e Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, que possibilitam leituras e análises sobre a literatura de Rubem Fonseca e de Carolina Maria de Jesus.

Alcançando as Artes, temos **A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL E OS PRINCÍPIOS BÁSICOS QUE REGEM A ARTE COMO DISCIPLINA**, de Margareth Carli, que trata da disciplina e do ensino de artes, e, igualmente contemplando o ensino das artes, agora destacando a importância da pintura para a história da arte brasileira, **A PINTURA DE RETRATO NA SOCIEDADE PAULISTANA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL**, de Débora Elise de Almeida. **PALAVRAS E EXPRESSÕES INDÍGENAS EM TOADAS DE BOI BUMBÁ**, de Maria Celeste de Souza Cardoso, partilha a cultura indígena por meio das toadas. Semiótica e música é o enfoque de **ICONICIDADE E INDICIALIADE NA MÚSICA ELETROACÚSTICA**, de Fábio Scucuglia. A dança e a realidade escolar são abordadas por **MOVER E**

APRENDER: EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO NA ROTINA ESCOLAR, por Amanda da Silva Pinto.

A META-HISTÓRIA COMO MÉTODO NARRATIVO APLICADO ÀS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE IBERÊ CAMARGO NA SÉRIE CARRETÉIS, de Mirian Martins Finger e Jorge Luiz da Cunha, e **FILME “PANTERA NEGRA”: A REPRESENTAÇÃO POSITIVA DA ÁFRICA E DO NEGRO NO CINEMA COMO AÇÃO DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL**, de Andressa Queiroz da Silva e Maurício dos Santos Lopes Júnior, focalizam as séries e os filmes, o primeiro movido pelo diálogo entre literatura, história e arte, o segundo com negritude e promoção de igualdades.

Finalizando, temos **CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NA APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA PELA CRIANÇA**, por Talita Emanuella Ferreira Citó, Andreza Maciel Mesquita e Priscila Barros de Freitas, e **A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL ATRELADA A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS**, por Fabrícia Cristina Paes Pinheiro, Manuela Gomes Maués, Renan Pinheiro Silva, Tatiane Tavares de Oliveira, Felipe Edward Maciel Santos, Kelly Lima Bentes, Roberto Miranda Cardoso, Alessandro Monteiro Rocha, Pedro Paulo Lima Ferreira e Emerson Ferreira Pantoja. O primeiro aborda a Psicopedagogia e o ensino, enquanto o segundo traz a interpretação de texto como meio eficaz para o ensino de matemática.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS CURSOS DE LETRAS NO BRASIL QUINHENTISTA E OS <i>MONUMENTA ANCHIETANA</i> : UMA ANÁLISE À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.4692025051	
CAPÍTULO 2	17
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POSSIBILIDADE DE ESTIMULAR MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS DE DISCENTES PARA EVENTOS DE LETRAMENTO	
Ewerton Lucas de Mélo Marques Maria Auxiliadora Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.4692025052	
CAPÍTULO 3	27
LÍNGUA-ESTRUTURA E LÍNGUA-ACONTECIMENTO: UM OLHAR SOBRE O TÓPICO “GRAMÁTICA/ DISCURSO” DA PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA	
Fabiane Aparecida Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.4692025053	
CAPÍTULO 4	37
A TUPINOLOGIA E SEUS CRÍTICOS	
Eduardo de Almeida Navarro	
DOI 10.22533/at.ed.4692025054	
CAPÍTULO 5	51
UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES INDIVIDUAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Rodrigo Schaefer	
DOI 10.22533/at.ed.4692025055	
CAPÍTULO 6	64
SABERES LOCAIS E O TEXTO MULTIMODAL: PRÁTICAS DE TRANSLETRAMENTOS NA FRONTEIRA	
Adriane Elisa Glasser Maria Elena Pires Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4692025056	
CAPÍTULO 7	73
O CONTO PERDIDO EM VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS, DE RUBEM FONSECA	
Lucio Flavio Rocha Junior	
DOI 10.22533/at.ed.4692025057	
CAPÍTULO 8	80
QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA - A ESCRITA DE SI EM CAROLINA MARIA DE JESUS	
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.4692025058	

CAPÍTULO 9	91
A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL E OS PRINCÍPIOS BÁSICOS QUE REGEM A ARTE COMO DISCIPLINA	
Margareth Carli	
DOI 10.22533/at.ed.4692025059	
CAPÍTULO 10	103
A PINTURA DE RETRATO NA SOCIEDADE PAULISTANA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL	
Débora Elise de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46920250510	
CAPÍTULO 11	116
PALAVRAS E EXPRESSÕES INDÍGENAS EM TOADAS DE BOI BUMBÁ	
Maria Celeste de Souza Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.46920250511	
CAPÍTULO 12	128
ICONICIDADE E INDICIALIDADE NA MÚSICA ELETROACÚSTICA	
Fábio Scucuglia	
DOI 10.22533/at.ed.46920250512	
CAPÍTULO 13	139
MOVER E APRENDER: EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO NA ROTINA ESCOLAR	
Amanda da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.46920250513	
CAPÍTULO 14	151
A META-HISTÓRIA COMO MÉTODO NARRATIVO APLICADO ÀS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE IBERÊ CAMARGO NA SÉRIE CARRETÉIS	
Mirian Martins Finger	
Jorge Luiz da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.46920250514	
CAPÍTULO 15	161
FILME “PANTERA NEGRA”: A REPRESENTAÇÃO POSITIVA DA ÁFRICA E DO NEGRO NO CINEMA COMO AÇÃO DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL	
Andressa Queiroz da Silva	
Mauricio dos Santos Lopes Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46920250515	
CAPÍTULO 16	173
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NA APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA PELA CRIANÇA	
Talita Emanuella Ferreira Citó	
Andreza Maciel Mesquita	
Priscila Barros de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.46920250516	

CAPÍTULO 17 180

A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL ATRELADA A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Fabírcia Cristina Paes Pinheiro

Manuela Gomes Maués

Renan Pinheiro Silva

Tatiane Tavares de Oliveira

Felipe Edward Maciel Santos

Kelly Lima Bentes

Roberto Miranda Cardoso

Alessandro Monteiro Rocha

Pedro Paulo Lima Ferreira

Emerson Ferreira Pantoja

DOI 10.22533/at.ed.46920250517

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 192

ÍNDICE REMISSIVO 193

OS CURSOS DE LETRAS NO BRASIL QUINHENTISTA E OS *MONUMENTA ANCHIETANA*: UMA ANÁLISE À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Data de aceite: 08/05/2020

Leonardo Ferreira Kaltner

RESUMO: No presente artigo, debatemos a educação linguística nos primeiros cursos de Letras e Humanidades no Brasil quinhentista, à luz da fundamentação teórico-metodológica da Historiografia Linguística (HL) e da Linguística Missionária (LM). Os cursos em questão são resultantes das primeiras atividades de docência de missionários da Companhia de Jesus, que chegaram ao Brasil a partir do ano de 1549 (FARIA, 1959; FRANCA, 1952; LEITE, 1938; SANTOS SOBRINHO, 2013). Nosso aparato teórico-metodológico consiste na modelagem proposta por Pierre Swiggers, a fim de descrever e analisar, por uma narrativa meta-histórica sobre o pensamento linguístico, os “pontos de ancoragem” e “agrupamento” (*anchoring points*); as “linhas de evolução”, os “conteúdos”, “formatos” e “estratégias” (ALTMAN, 2012; SWIGGERS, 2013) da educação linguística jesuítica quinhentista e sua vinculação com a corrente de pensamento do humanismo renascentista português, relacionando-a à reforma educacional da Universidade de Coimbra e à fundação do Real Colégio das Artes, à época de D. João III (MIRANDA, 2011; RAMALHO, 2013). Apresentamos a

narrativa de Simão de Vasconcelos da primeira experiência docente de Anchieta em São Vicente, na segunda classe de gramática do Brasil quinhentista (VASCONCELOS, 1672). Defendemos a hipótese de que as obras de Anchieta (*Monumenta Anchieta*) teriam sido utilizadas ao longo do século XVI nesses cursos, e daremos ênfase à análise da *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (ANCHIETA, 1595), pedra angular da Gramaticografia e da Linguística Missionária no contexto do Brasil quinhentista (ZWARTJES, 2011; BATISTA, 2005).

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística, Linguística Missionária, Gramaticografia, *Monumenta Anchieta*

ABSTRACT: In this article, I discuss the linguistic education at the first courses of Language and Humanities in Sixteenth-century Brazil. This discussion is developed in the light of the theoretical and methodological model of Linguistic Historiography (LH) and Missionary Linguistics (LM). These courses of Language and Humanities are the first teaching activities of Jesuit missionaries, who arrived in Brazil in 1549 (FARIA, 1959; FRANCA, 1952; LEITE, 1938 and SANTOS SOBRINHO, 2013). My theoretical apparatus consists of the model proposed by Pierre Swiggers, in order to describe and analyze the linguistic thought,

the ‘anchoring points’; the ‘lines of evolution’, the ‘contents’, ‘formats’ and ‘strategies’ (ALTMAN, 2012; SWIGGERS, 2013) of Sixteenth-century Jesuit linguistic education and its connection with the Portuguese renaissance humanism. I analyse also the educational reform of the University of Coimbra and the origin of the Royal College of Arts, at the time of D. João III (MIRANDA, 2011; RAMALHO, 2013). I present the narrative of Simão de Vasconcelos from Anchieta’s first teaching experience in São Vicente, the second grammar class of Sixteenth-century Brazil (VASCONCELOS, 1672). I defend the hypothesis that the Anchieta’s literary works (Monumenta Anchieta) would have been read throughout the Sixteenth century in these courses. I develop an analysis of *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (ANCHIETA, 1595), cornerstone of Gramaticography and Missionary Linguistics in the context of Sixteenth-century Brazil (ZWARTJES, 2011; BATISTA, 2005).

KEYWORDS: Linguistic Historiography, Missionary Linguistics, Gramaticography, Monumenta Anchieta

INTRODUÇÃO: A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA (HL) E OS MONUMENTA ANCHIETANA

A *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595) do missionário jesuíta José de Anchieta (1534-1597) pode ser considerada a pedra angular da gramaticografia no Brasil quinhentista, por ter sido o primeiro texto escrito com reflexões metalinguísticas a ser publicado como obra acadêmica nesse contexto (ALTMAN, 2012, p. 12). A obra esteve em uso com fins didáticos desde 1556, no Brasil, segundo Armando Cardoso, citando Augusto Magne (ANCHIETA, 1990, p. 9). Já sua publicação, em 1595, ocorre na tipografia de António de Mariz, em Portugal, no contexto da Universidade de Coimbra, dois anos antes da morte de Anchieta, quase quarenta anos após sua utilização inicial para o ensino, de forma contínua (ANCHIETA, 1595).

Antes de ser publicada em versão tipografada, a obra circulou no Brasil quinhentista em versão manuscrita, provavelmente copiada em cadernos, como outros textos que jesuítas e outros religiosos produziam na América portuguesa. Provavelmente circulou como carta, depois de composta em São Vicente e levada ao Colégio da Bahia, tendo em vista não existir tipografia no Brasil, durante o século XVI, e livros impressos terem sido raros no período inicial da colonização (LEITE, 1938, p. 549-551). A gramática de Anchieta pode ser considerada um dos primeiros materiais didáticos a ser utilizado para a educação linguística no Brasil quinhentista, logo a contextualização de seu uso é relacionada aos primeiros cursos e classes de Letras e Humanidades na América portuguesa do século XVI.

O título da obra: *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* remete-se aos métodos da educação humanística renascentista e da tradição gramatical derivada desse contexto. O metatermo “arte” está vinculado à divisão das disciplinas em artes, no sistema das sete artes liberais, do trívio e do quadrívio, sendo

a gramática a primeira das artes. O metatermo “gramática” é herança da tradição gramatical greco-latina, pela recepção renascentista. Já o conceito de “língua mais usada” acreditamos ser referente à noção de *usus*, conceito humanístico, que se opunha ao conceito de *ratio* na educação linguística renascentista: “no plano da teoria gramatical, a recuperação do *usus latinus* implica uma recusa dos esquemas teóricos medievais, nomeadamente da *grammatica speculativa* ou dos *modi significandi*” (ROMEO, 2009, p. 46; TORRES, 1998). Por fim, “a costa do Brasil” era o alcance do uso da gramática e da língua que Anchieta descreveu (RODRIGUES, 1966; LAGORIO & FREIRE, 2014).

A gramática de Anchieta era um dos materiais didáticos utilizados nos estabelecimentos de ensino jesuíticos no Brasil quinhentista, sendo objeto de estudos tanto da Gramaticografia quanto da Linguística Missionária (LM), tendo em vista que a educação linguística no período colonial do Brasil esteve vinculada à finalidade missionária de catequese (ZWARTJES, 2011). O modelo teórico-metodológico da Historiografia Linguística (HL) proposto por Pierre Swiggers é uma das vertentes para a descrição e análise da educação linguística jesuítica no período colonial quinhentista, contexto em que se inserem as obras e atividades missionárias de José de Anchieta, entre outros missionários e humanistas, de que se tem registro.

A descrição e análise da HL consiste, de modo geral, em uma narrativa meta-historiográfica sobre o pensamento linguístico de um autor, texto, corrente de pensamento, escola acadêmica, tradição ou época. Swiggers define os principais conceitos utilizados nesse processo descritivo e analítico em alguns campos: “pontos de ancoragem” e “agrupamento” (*anchoring points*); as “linhas de evolução”, os “conteúdos”, “formatos” e “estratégias” (SWIGGERS, 2013). Em relação aos “pontos de ancoragem” e as “linhas de evolução”, os principais conceitos na descrição e análise, elencados por Swiggers são:

I - Pontos/entrelaces de “ancoragem” (*anchoring points*):

- a) entidades individuais: textos, autores, usuários.
- b) continua: redes, instituições, escolas, grupos (*theory groups*), círculos, sociedades.

II - Linhas de desenvolvimento:

- a) rumo evolutivo: mudança, revolução, conversão, progresso/estagnação/regressão, conservação/perda/rejeição/recorrência, continuidade/descontinuidade, inovação, antecipação.
- b) relações com o tempo: fonte, modelo, influência, “abrangência referencial (fr. *horizon de rétrospection*), embate de teorias (ing. *theory clash*).
- c) etapas da evolução: programa de investigação, tradição (nacional, étnica, geográfica, modelada, linguístico-cultural, “tópica”), *cinosura*, paradigma”

(SWIGGERS, 2013, p. 47-48).

Já em relação aos “conteúdos”, “formatos” e “estratégias” no pensamento linguístico, temos os seguintes fenômenos que podem ser observados, de acordo com Swiggers:

III - Conteúdos/ formatos/estratégias.

a) “rotulagem” (*labeling*): aqui se põem os termos para referir-se a um modelo, uma teoria, uma abordagem.

b) em relação a formatos:

b.1) conceitos e princípios teóricos.

b.2) técnicas e estilos de descrição (por exemplo, *Word and Paradigm, Item and Process, Item and Arrangement*).

b.3) termos T-teoréticos.

c) estratégias: “deslocamento de conceitos”, transposição, negociação, (*ing. bargaining*), empréstimo, adaptação, recontextualização, estratégias (retóricas e institucionais) de promoção ou descarte de teorias” (SWIGGERS, 2013, p. 47-48).

Como um dos “pontos de ancoragem”, para analisar os cursos de Letras e Humanidades, oferecidos nas escolas e colégios jesuíticos do Brasil quinhentista, temos a instituição do Governo-Geral em 1548, em cujo regimento se previa o início da educação colonial (REGIMENTO, 2018). Com a chegada dos jesuítas, a fundação das primeiras instituições oficiais se iniciaria no século XVI, em 1549, com três colégios e cinco escolas em funcionamento em 1584, como Anchieta relatou: “existem nesta província três Colégios e outras cinco residências da Companhia, que se sustentam de esmolas (...)” (ANCHIETA, 1933, p. 395).

Dessa forma, cumpre salientar que o padrão educacional para a educação linguística nesse contexto teria como referência a educação humanística cristã desenvolvida na Universidade de Coimbra e no Real Colégio das Artes da época, o que nos leva a outro “ponto de ancoragem” anterior, fundamental para se compreender o pensamento linguístico desse *momentum* histórico: a reforma da Universidade de Coimbra promovida por D. João III, que integra Portugal à rede de instituições que adotavam a educação humanística renascentista (TANNUS, 2007, p. 20).

José de Anchieta, que estudou Letras e Humanidades, entre 1548 e 1551, no Real Colégio das Artes de Coimbra, antes de ingressar na Companhia de Jesus e de ser enviado ao Brasil, vivenciou em sua formação esse processo de educação humanística tanto como discente na Europa como docente na América portuguesa (VIOTTI, 1966). Compreender a estrutura desses cursos humanísticos e a reforma de

que surgiram é fundamental para se descrever e analisar o pensamento linguístico das obras quinhentistas em Portugal e no Brasil, que são as fontes dos primeiros cursos de Letras e Humanidades em meados do século XVI.

Humanismo renascentista português como corrente de pensamento linguístico

Petrarca (1304-1374) é considerado um dos fundadores do movimento cultural e espiritual conhecido na posteridade por humanismo renascentista. Com influência da descoberta e difusão do discurso ciceroniano *Pro Archia* (Em favor de Árquias), por Petrarca, o ensino humanístico foi idealizado como um novo padrão de educação linguística diverso do modelo europeu vigente até então, a escolástica aristotélico-tomista medieval, organizada pelo estudo de manuais do trívio e do quadrívio, com finalidade estritamente teológica. O humanismo renascentista impactou a educação linguística europeia nos séculos XV e XVI:

O discurso em favor do poeta Árquias tornou-se assim o primeiro texto destinado a chamar a atenção para a importância das letras e da actividade literária, quer do ponto de vista individual quer do ponto de vista social e colectivo. Não se trata, como se sabe, de uma obra-prima da eloquência forense, mas o discurso alcançou justamente o estatuto de *Magna Charta* do Humanismo, desde o momento em que Petrarca o descobriu em Liège (1333) e o difundiu na Itália e na Europa. Do ponto de vista histórico-cultural e literário, a defesa do poeta Árquias inaugura conceitos fundadores da cultura europeia, recheados de interesse para uma Faculdade que se celebra como lugar das Letras, das Artes, das Humanidades e da Cultura Humanística, e como espaço de recriação de novos saberes (MIRANDA, 2011, p. 13).

O conceito de uma formação em Letras, principalmente nas Letras Humanas, ou Humanidades, advindo da oratória ciceroniana, no discurso em que Cícero defende o poeta grego Árquias, influenciou profundamente na criação de um novo modelo de formação linguística no Renascimento: o humanista. A partir desse movimento inicial, surgiria a figura central de Erasmo de Roterdã (1466-1536) e da educação linguística do colégio trilingue de Lovaina, em 1517, que se tornou um padrão ao mundo europeu, no século XVI:

Na medida em que a nova fundação tinha por missão promover o saber humanístico, o Real Colégio das Artes de Coimbra era também uma réplica do *Collège Royal* (1530), que Francisco I criara em França a pedido de Guillaume de Budé, e para cujo corpo docente fora convidado o próprio Erasmo. O *Collège Royal*, por sua vez, inspirava-se no Colégio Trilingue de Lovaina (1517), fundado postumamente por Jerónimo de Busleiden, mas inspirado e tutelado pelo próprio Erasmo, para acender no meio académico a chama do humanismo, e para desenvolver o estudo das três línguas, o Latim, o Grego e o Hebraico (MIRANDA, 2011, p. 18).

Cícero no discurso em defesa ao poeta grego Árquias defende os *studia humanitatis* (os estudos de Humanidades), isto é, uma educação centrada na aquisição

de línguas adicionais, no caso romano a língua grega, e uma educação centrada na leitura dos autores clássicos, que melhor se expressaram naquela língua (CÍCERO, 1986 p. 9-10). Dessa forma, a concepção do conceito *litterae* (letras), como tradução do vocábulo grego *paideia* (educação), já permitia no Renascimento a concepção de uma formação humanística em que se articulasse o estudo de línguas e de literaturas.

Se a Idade Média europeia foi uma época centrada nas *Litterae Divinae*, as Sagradas Escrituras, interpretadas pelos principais autores da patrística no mundo ocidental, e, posteriormente pela *Summa Theologica* de São Thomás de Aquino, a educação humanística renascentista seria baseada nas *Litterae Humaniores*, nas Letras Humanas, isto é, nos autores clássicos greco-romanos: “O humanismo, caracterizado pela redescoberta do valor autônomo das *humanae litterae* em relação às *litterae divinae* e, portanto, pela volta à leitura dos clássicos latinos e gregos” (MANACORDA, 2006, p. 175). A nomenclatura “letras” torna-se corrente à época, significando o processo de ensino-aprendizagem de línguas e literaturas clássicas.

O humanismo renascentista chega a Portugal no ano de 1485, com a vinda de Cataldo Parísio Sículo à corte de D. João II (RAMALHO, 2013, p. 113). O humanista itálico atuou como preceptor de nobres e secretário do rei, enviando correspondências oficiais em latim, atuou também como poeta e orador, registrando feitos da coroa portuguesa em versos latinos e peças retóricas. Como as instituições educacionais portuguesas adotavam na época a escolástica, a partir de D. Manuel I se inicia uma política de “bolseiros” para outras universidades europeias, a fim de se instruírem na educação humanística francesa e itálica (TANNUS, 2007, p. 18).

Após o período inicial do envio de “bolseiros” portugueses sobretudo ao reino da França, a política cultural e linguística da coroa portuguesa redonda na criação da primeira instituição educacional humanística administrada por portugueses. O teólogo Diogo de Gouveia assume a direção, no reino da França, do Colégio de Santa Bárbara, assim como o humanista André de Gouveia dirige o Colégio de Guiena (PINHO, 2000, p. 20). Essas instituições educacionais difundem o *modus parisiensis*, servindo à formação de diversos humanistas ibéricos e preparando o espaço para a reforma educacional mais ampla do ensino português no Renascimento.

O programa de estudos do Colégio da Guiena, publicado em latim pelo humanista Elias Vinet, o *Schola Aquitanica* (1583) demonstra como a educação humanística na primeira infância funcionava, para o ensino de latim e de língua vernácula (NAVARRO, 2000, p. 396-397). Dividido inicialmente em doze classes, posteriormente em nove e no documento final em dez classes (*ordines*), o documento apresenta o ensino de língua latina a partir da gramática de *Despauterius*, tendo servido de base para a educação jesuítica em período posterior.

Entre os alunos do Colégio Santa Bárbara em Paris, podemos citar o próprio Inácio de Loyola, que se tornaria o fundador da Companhia de Jesus. A educação linguística no *Schola Aquitanica* apresenta um método progressivo de contato com a língua latina de forma direta, incluindo o canto, a memorização e a arte retórica,

tendo a obra de Cícero como principal referência, além da gramática de *Despauterius*. Esse modelo de educação humanística francesa, inspirada no *Collège de France*, inaugurado durante o reinado de Francisco I, teria profunda influência em Portugal e na educação jesuítica (NAVARRO, 2000).

No plano de estudos do *Schola Aquitanica*, para o ensino de latim, no *Decimus Ordo* (décima classe), que era a inicial, destinada às crianças de sete anos, se ensinavam as letras do alfabeto latino, de vinte e três letras, as orações cristãs dominicais: *Oratio Dominica* (Pai Nosso), *Salutatio Angelica* (Ave-Maria) e o *Symbolum Fidei* (Credo); e os sete salmos penitenciais (MASSEBIEAU, 1886, p. 5-9). Em seguida, era ensinada a morfologia nominal e verbal do latim, os *elementa* da gramática latina. No *Nonus Ordo* (nona classe), se aprofundava o ensino de gramática latina, com a obra de Catão, na oitava classe, a leitura das epístolas de Cícero, e assim, sucessivamente (MASSEBIEAU, p. 10-18).

Um “ponto de ancoragem” importante nesse contexto de recepção do humanismo renascentista em Portugal é, por fim, a reforma educacional da Universidade de Coimbra por D. João III. Posteriormente à reforma, há a fundação do Real Colégio das Artes em Coimbra também, no ano de 1548. Para se compreender qual era a educação linguística adotada na instituição quinhentista o discurso de abertura do primeiro ano letivo, proferido pelo humanista francês Arnaldo Fabrício, intitulado *De Liberalium Artium Studio Oratio* (Oração sobre o estudo das artes liberais) é um texto fundamental, que demonstra a recepção da educação humanística renascentista do Colégio da Guiana em Portugal, na fundação de uma *respublica litteraria* (MIRANDA, 2011, p. 28).

O pensamento linguístico na educação jesuítica quinhentista português é oriundo do *modus parisiensis*. Com finalidade missionária, o estudo de línguas à época das navegações portuguesas, servia para catequese e a comunicação intercultural, que estabeleceria os domínios ultramarinos do império português. Os pioneiros nesse aspecto foram os franciscanos, tanto na África quanto na Ásia, mas na América portuguesa, após a criação do governo-geral, no ano de 1549 chegam os primeiros jesuítas, que fundariam suas escolas elementares e colégios no Brasil colônia.

Os primeiros cursos de letras no Brasil quinhentista

Os primeiros cursos de letras no Brasil quinhentista podem ser analisados na perspectiva da Linguística Missionária, tendo em visto que a finalidade do ensino era a catequese dos colonos que integravam a América portuguesa, sejam indígenas, europeus ou africanos, esses cursos seriam equivalentes ao *magister artis* (mestre em artes) da educação humanística renascentista (FARIA, 1959, p. 82 apud SANTOS SOBRINHO, 2013, p. 40-41):

Ainda no período que estamos estudando, surge o primeiro ensaio de um curso secundário sob a responsabilidade dos jesuítas, em que se dava uma atenção

especial ao latim. Trata-se do chamado ‘curso intermediário’ ou das ‘artes’, que eram frequentados pelas ‘melhores famílias’ da colônia. Os que se formavam nesses cursos recebiam o grau de *mestre em artes* (o equivalente colonial do nosso bacharel em letras, no dizer de FARIA, 1959, p. 82).

Os cursos de Letras e Humanidades, no Brasil entre 1549 e 1599, antes da *Ratio atque Institutio Studiorum*, teriam tido influência, não só de Anchieta, mas sobretudo de Manuel da Nóbrega (SANTOS SOBRINHO, 2013, p. 42), com o ensino de português para indígenas, na escola de ler e escrever, também a doutrina cristã e o canto orfeônico, com orações católicas traduzidas para a língua geral, e, por fim, a gramática latina e alguns autores literários em latim. Há o registro de cursos de casos da consciência, de artes e filosofia, em 1585, na Bahia, por Anchieta:

As ocupações dos nossos com os próximos são: uma lição de teologia que ouvem dois ou três estudantes de fora, outra de casos de consciência que ouvem outros tantos, e, uma e outra, alguns de casa, um curso de artes que ouvem dez de fora e alguns de casa, escola de ler, escrever e contar que tem até setenta rapazes filhos dos Portugueses, duas classes de humanidades, na primeira aprendem trinta e na segunda quinze escolares de fora e alguns de casa (ANCHIETA, 1933, p. 415).

Como preconizava o *Pro Archia* de Cícero, discurso que influenciou na educação humanística, o estudo de línguas se dava em conjunto com a prática literária, dessa forma, acreditamos que a prática literária já estava presente nesses primeiros cursos de letras, com poesias de diversos gêneros, como lírico e épico, textos dramáticos, oratória e, sobretudo, a prática religiosa. A obra literária de Anchieta, além da finalidade missionária, se justifica nesse contexto como resultado da ação educacional humanística jesuítica. A prática literária era elemento crucial do pensamento linguístico da educação humanística renascentista. Assim, podemos analisar o conjunto dos *Monumenta Anchieta*, com obras escritas em português, espanhol, latim e tupi, como um dos materiais utilizados e produzidos nos primeiros cursos de Letras no Brasil quinhentista.

Dessa forma, a motivação de Anchieta ao compor obras literárias poderia ter sido o de fomentar os ideais da educação humanística, que incluíam o cultivo da literatura e o estudo de línguas, o que caracterizava a formação em Letras Humanas, à época. Ao emular os autores clássicos em diversos gêneros textuais, e de forma plurilíngue, Anchieta criava a primeira produção acadêmica e literária do Brasil, que além de ter finalidade missionária, se pautava na corrente de pensamento do humanismo renascentista português.

A fim de descrever e analisar o pensamento linguístico e o processo em que se insere a produção de Anchieta, é necessário evidenciar os *Monumenta Anchieta* como um conjunto de textos que dialogam entre si, através de sua intertextualidade. As obras literárias e as históricas de Anchieta dialogam com a gramática, por exemplo, na medida em que formam um programa de investigação sobre o Brasil quinhentista. Uma

das hipóteses para análise dos *Monumenta Anchieta* é compreender o conjunto da obra de Anchieta como um material para o estudo das Letras e Humanidades no Brasil quinhentista, isto é, que o autor escreveu obras literárias com finalidade de promover a educação humanística na América portuguesa, sendo suas obras utilizadas e lidas com finalidade didática, além da catequética.

Vejamos, a título de exemplo, uma passagem de Simão de Vasconcelos (1672) sobre as primeiras experiências de docência de Anchieta em Piratininga, em 1554. O biógrafo cita como Anchieta vincula sua atividade como docente de língua latina à produção literária, permitindo a leitura de que as obras de Anchieta teriam uma finalidade propedêutica, isto é, de ensino para a educação linguística de uma comunidade que precisava ao menos de quatro línguas para se comunicar. O Brasil quinhentista era uma sociedade multicultural e plurilíngue. Transcrevemos o texto biográfico sobre os *Monumenta Anchieta*, em seguida.

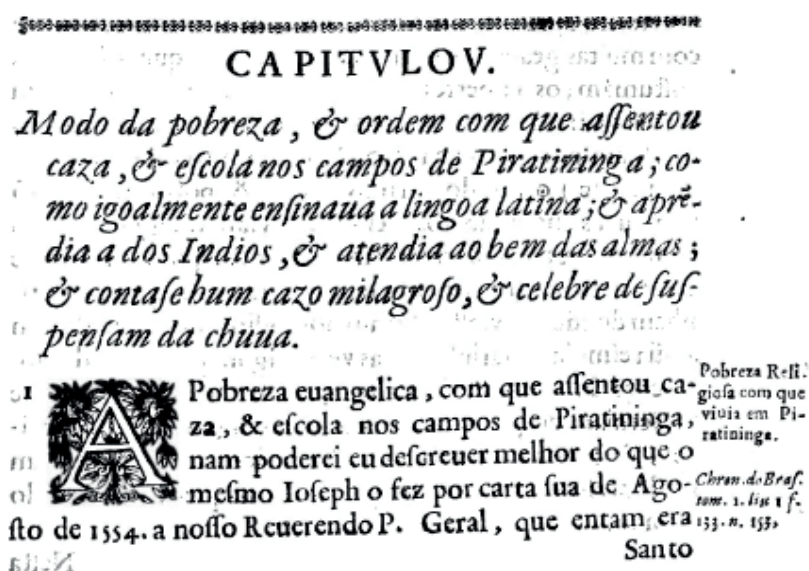


Fig. 1. Capítulo V da *Vida de Anchieta*, VASCONCELOS, 1672, p. 23.

24 VIDA DO P. IOSEPH DE ANCHIETA,
 Santo Ignacio de Loiola, & he a seguinte. *A Ianuario usque ad presentem, nonnunquam plus viginti (simul enim Pueri Catholici degebant) in pauperula domo, luto, & lignis cœtexta, paleis cooperta, quatuordecim passus longa, decem lata mansimus. Ibi schola, ibi valetudinarium, ibi dormitorium, & canaculum, item, & coquina, & penus simul sunt. nec tamen ampliarum habitationum quibus aliqui fratres nostri utuntur, nos mouet desiderium, siquidem Dominus noster Iesus Christus in arctiore loco positus est, cum in paupere presepi, inter duo bruta animalia voluit nasci, multo vero arctissimo cum in cruce pro nobis dignatus est mori.*

1 Vem a dizer que dos principios de Janeiro até feitura daquella se fez alli huma cozinha de torram, & palha, catorze passos de comprido, & doze de largo, em que morauam bem apertados os Irmãos; allitinhã escola, alli enfermãria, alli dormitorio, refeitorio, cozinha, & despensa; contentes com a lembrança do Senhor Iesu posto em teu presepio, & na Cruz. Até aqui a carta. Mas este aperto era ajuda contra o frio, que naquella terra he grande com muitas geadas. As çamas eram redes, que os Indios costumã; os cobertores o fogo que os aquentãua (pera o qual os Irmãos commummente acabada a liçã da tarde, hiam por lenha ao mato, & traziam as coistas pera passar a noite) o vestido era muy pouco, & pobre de algodão sem calças, nem çapatos. Pera meza vsãram algum tempo de folhas de bananas em lugar de guardanapos; que bem se escusãuam toalhas, onde faltãua o comer; o qual nam tinhã donde lhe viesse, senã dos Indios que lhes dauã algũã esmola de farinha, & as vezes alguns peixinhos do rio, & caça do mato. Faziam alpergata de cãrdos brãuos, que lhe seruiã de çapatos; aprendiam a sangradores, barbeiros, & todos os mais modos, & officios, com que podiam ser de prestimo a todos os proximos naquelle desterro do mundo.

Nesta

3 Nesta estremada pobreza se abriu aqui a segunda classe de grammatica que teue o Brasil (porque ja na Bahia se tinha aberto huma) frequentãuãna doze dos nossos, que com o Mestre eram treze, qual outro Collegio de Christo: E outro bom numero de estudantes brãcos, & Mamalucos, que acodiam das Villas ja principiãdas circũvezinhas. O trabalho era excessiuo: Ainda naquelle tempo nam hãua naquellas partes copia de Liuros, por onde podessẽm aprender os discipolos os preceitos da grammatica: Esta falta remedeãua a charidade de Ioseph, a custa de seu suor, & trabalho, escreuendo por propria mãõ tantos quadernos dos ditos preceitos, quantos eram os discipolos, que ensinãua. E passando nisto as noites, sem dormir, porque os dias occupãua inteiros nas obrigaçõens do officio, & cõuerãam dos Indios. Acontecia, nam poucas vezes, romper a manhã, & achar a Ioseph, cõ a penna na mãõ. Nãõ parãuõ aqui seus trabalhos; era de viuõ engenho, & era infãciãuel sua charidade, de hũã, & outra cousã tirãua grandes forças.

4 No mesmo tempo era Mestre, & era discipolo; E os mesmos lhe seruiã de discipolos, & Mestres; porque, na mesma classe falando latim, alcançou da fala dos que o ouuiã a mor parte da lingõa do Brasil, que breuemente perfeiçõou, com tal excellencia, que pode reduzir aquelle idioma barbaro, a modo, & regras grammaticais, compondo arte dellas, tam perfeitas que aprouãda dos mais famõs lingõas, foy dada à impressã, & tem seruido de guiã, & mestra daquella facultade aos que depois vierã: E della ha liçã particular em alguns Collegios da Prouincia. Alem da arte, fez tambem Vocabulãrio da mesma lingõa: Traduçãõ doutrina Christã, & mistérios da fé, dispostos a modo de Dialogo, em beneficio dos Indios Cathecumẽnos; & fez tratado, & interrogatorios, & auisos necessãrios, pera os que ouessẽm de confessar, & confessarse; & pera instruir principalmente no tempo da morte aos ja bautizados; deixando aliũõ com seus

D tra

Fig. 2. Capítulo V da *Vida de Anchieta*, VASCONCELOS, 1672, p. 24-25.

26 VIDA DO P. JOSEPH ANCHIETA
 trabalhos aos vindouros, que se ouueffem de occupar no
 trato da faluaçam das almas,
 5 Em quatro lingoas era destro, na Portugueza, Caste-
 lhana, Latina, & Braslica, em todas ellas tradusio em ro-
 mances pios, com muita graça, & delicadeza, as canti-
 gas profanas, que andauam em vfo, com fructo das al-
 mas; porque deixadas as lasciuas, nam se ouuia pellos ca-
 minhos outra coufa, senam cantigas ao diuino, conuida-
 dos a isso os entendimentos do doce metro de Ioseph.
 6 Compos nam só aqui, mas em varias partes do Bra-
 zil, com viuo, & raro engenho muitas obras poeticas, em
 toda a forte de metro, em que era muy facil, todas ao diui-
 no, & afim de euitar abusos, & entretenimentos meños
 honestos. Entre estas foram as de mais tomo, o liuro da vi-
 da, & feitos heroicos de Mem de Sá terceiro Governador
 que foy deste Estado em verso heroico, latino; varias co-
 medias, passos, & eglogas descripçoens deuotissimas, que
 ainda hoje andam de sua mesma letra; & a vida da Virgem
 Senhora nossa em verso Elegiaco, de que em seu lugar fa-
 laremos De hũa das comedias he força fazer aqui menção.

Fig. 3. Capítulo V da *Vida de Anchieta*, VASCONCELOS, 1672, p. 26.

Transcrição

Capítulo V

Modo da pobreza, e ordem com que José de Anchieta assentou casa, e escola, nos campos de Piratininga, como igualmente ensinava a língua latina, e aprendia a dos índios, e atendia ao bem das almas, e conta-se um caso milagroso, e célebre, de suspensão da chuva.

A pobreza evangélica, com que assentou casa, e escola nos campos de Piratininga, não poderei eu descrever melhor do que o mesmo José o fez por carta sua de agosto de 1554 a nosso Reverendo Padre Geral, que então era Santo de Loyola, e é a seguinte: *A Ianuario usque ad praesens, nonnunquam plus viginti (simul enim Pueri Catechistae degebant) in pauperula domo, luto, & lignis contexta, paleis cooperta, quatuordecim passus longa, decem lata mansimus. Ibi schola, ibi valetudinarium, ibi dormitorium, et canaculum, item, et coquina, et penus simul sunt, nec tamen ampliarum habitationum quibus aliqui fratres nostri utuntur, nos mouet desiderium, siquidem Dominus noster Iesus Christus in arctiore loco positus est, cum in paupere praesepe, inter duo bruta animália voluit nasci, multo vero arctissimo cum in cruce pro nobis dignatus est mori.*

Vem a dizer que, dos princípios de Janeiro até feitura daquela carta, se fez ali uma casinha de torrão, e palha, catorze passos de comprimento, e doze de largura, em que moravam bem apertados os irmãos, ali tinham escola, ali enfermaria, ali dormitório, refeitório, cozinha e despensa, contentes com a lembrança do Senhor Jesus posto em seu presépio e na Cruz. Até aqui a carta. Mas este aperto era ajuda contra o frio, que naquela terra é grande, com muitas geadas. As camas eram redes,

que os índios costumam (usar), os cobertores, o fogo que os esquentava (pela qual os irmãos, comumente acabada a lição da tarde, iam em busca de lenha no mato, e traziam nas costas para passar a noite) o que se tinha para se vestir era muito pouco, e pobre de algodão, sem calças, nem sapatos. Como mesa, usaram algum tempo de folhas de bananas em lugar de guardanapos, que bem se escusavam toalhas, onde faltava o que comer, o qual não tinham de onde lhes viesse, senão dos índios, que lhes davam alguma esmola de farinha, e, às vezes, alguns peixinhos do rio, e caça do mato. Faziam alpercatas, de cardos bravos, que lhes serviam de sapatos, atuavam como sangradores, barbeiros, e todos os mais modos, e ofícios com que podiam ser de préstimo a todos os próximos naquele desterro de mundo.

Nesta extremada pobreza, se abriu aqui a segunda classe de gramática que teve o Brasil, porque já na Bahia se tinha aberto uma, frequentavam-na doze dos nossos, que com o mestre eram treze, qual outro Colégio de Cristo, e outro bom número de estudantes brancos e mamelucos, que acodiam das vilas já principiadas circunvizinhas. O trabalho era excessivo. Ainda naquele tempo não havia naquelas partes cópia de livros, por onde pudessem aprender os discípulos os preceitos da gramática. Esta falta remediava a caridade de José, à custa de seu suor e trabalho, escrevendo por própria mão tantos cadernos dos ditos preceitos quantos eram os discípulos que ensinava. E passando nisso as noites sem dormir, porque os dias ocupava inteiros nas artes do ofício e conversão dos índios. Acontecia, não por poucas vezes, romper a manhã, e achar José com a pena na mão. Não paravam aqui seus trabalhos, era de vivo engenho, e era insaciável a sua caridade, de uma e outra coisa tirava grandes forças.

No mesmo tempo era mestre e era discípulo. E os mesmos lhe serviam de discípulos e mestres, porque na mesma classe falando latim, alcançou da fala dos que o ouviam a maior parte da língua do Brasil, que brevemente aperfeiçoou, com tal excelência que pode reduzir aquele idioma bárbaro a modo e regras gramaticais, compondo arte delas, tão perfeitas que aprovada dos mais famosos línguas foi dada à impressão, e tem servido de guia e mestra daquela faculdade aos que depois vieram. E dela já lição particular em alguns colégios da província. Além da arte, fez também vocabulário da mesma língua. Traduziu a doutrina cristã e mistérios da fé, dispostos a modo de diálogo, em benefício dos índios catecúmenos, e fez tratado e interrogatórios, e avisos necessários, para os que houvessem de confessar, e confessar-se, e para instruir principalmente no tempo da morte aos já batizados, deixando alívio com seus trabalhos aos vindouros, que se houvessem de ocupar no trato da salvação das almas.

Em quatro línguas era destro, na portuguesa, castelhana, latina e brasílica, em todas elas traduziu em romances pios, com muita graça e delicadeza, as cantigas profanas, que andavam em uso, com fruto das almas, porque deixadas as lascívia, não se ouvia pelos caminhos outra coisa, senão cantigas ao divino, convidados a isso os entendimentos do doce metro de José.

Compôs não só aqui, mas em várias partes do Brasil, com vivo e raro engenho muitas obras poéticas, em toda a sorte de metro, em que era muito hábil, todas ao

divino, e a fim de evitar abusos, e entretenimentos menos honestos. Entre estas foram as de mais tomo, o livro da vida e feitos heroicos de Mem de Sá, terceiro governador que foi deste Estado, em verso heroico latino, várias comédias, passos e élogas, descrições devotíssimas, que ainda hoje andam de sua mesma letra, e a vida da Virgem Nossa Senhora nossa em verso elegíaco, de que em seu lugar falaremos. De uma de suas comédias é força fazer aqui menção.

Monumenta Anchieta como material didático para uma educação humanística

O conjunto das obras completas de Anchieta é conhecido por *Monumenta Anchieta*, publicados pelas Edições Loyola no século XX, tendo como principais editores Armando Cardoso e Hélio Viotti. O plano editorial das obras completas de Anchieta previa inicialmente 17 volumes, alguns divididos em dois tomos, sendo alguns dos volumes dedicados à biografia de Anchieta e ao processo de canonização. As obras de Anchieta compõem os 11 primeiros volumes da série, sendo três desses volumes divididos em dois tomos (KALTNER, 2019).

Abaixo vemos uma tabela com as obras de Anchieta, editadas por Armando Cardoso e Hélio Viotti:

Título das obras	Data de publicação
1. <i>De Gestis Mendi de Saa – Poema Épico</i>	1970, 1986, 2ª edição
2. <i>De Eucharistia et aliis – Poemas Eucarísticos e Outros</i>	1975
3. <i>Teatro de Anchieta</i>	1977
4. <i>De Beata Virgine Dei Matre Maria – Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus (em dois volumes)</i>	1980
5. <i>Lírica portuguesa e Tupi I. Lírica espanhola II (em dois volumes)</i>	1984
6. <i>Cartas de Anchieta – Correspondência ativa e passiva</i>	1984
7. <i>Sermões de Anchieta</i>	1987
8. <i>Diálogo da Fé (em Tupi)</i>	1988
9. <i>Textos históricos</i>	1989
10. <i>Doutrina cristã (em Tupi). Tomo I: Catecismo brasílico. Tomo II: Doutrina autógrafa e confessionário (em dois volumes)</i>	1992
11. <i>Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil</i>	1990

Tabela 1. Obras de Anchieta nos Monumenta Anchieta, pelas Edições Loyola (KALTNER, 2019).

Duas obras de Anchieta foram publicadas ainda no século XVI, o poema *De Gestis Mendi de Saa* e a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, em 1563 e 1595, respectivamente. Ambas as obras foram publicadas em Coimbra, no contexto da tipografia da universidade. As outras obras foram transmitidas em versões manuscritas e reeditadas apenas modernamente. A circulação da produção intelectual no Brasil quinhentista se dava por meio de textos manuscritos, não só com as cartas e textos administrativos, mas também com os textos literários.

As obras literárias em latim de Anchieta, o poema épico *De Gestis Mendi de Saa*, o poema elegíaco *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, o conjunto de poemas *De Eucharistia* poderiam ter sido utilizados como material didático para o ensino de latim nos primeiros cursos de Letras e Humanidades no Brasil quinhentista, ao lado dos autores clássicos que compunham o currículo desses cursos. Acreditamos que, dentro do padrão da educação humanística renascentista, e da função de Anchieta como docente no Brasil quinhentista, as obras teriam como usuários os missionários em formação nos colégios jesuíticos.

Já as obras em línguas vernaculares, à época, o português, o espanhol e o tupi, também teriam a função didática, além da catequética, no ensino dessas línguas. Além da lírica anchietana, relacionada ao canto, o teatro anchietano, que tem por referência as obras de Gil Vicente, poderia ter sido utilizado com função pedagógica na educação linguística no Brasil quinhentista, como ocorria com o teatro renascentista em Portugal.

A finalidade catequética e teológica das missões jesuíticas não era excludente da educação humanística e literária, inspirada no pensamento ciceroniano e erasmiano. O cultivo da prática poética, seja épica ou lírica, e teatral, da arte dramática, juntamente ao estudo de gramática, formam um padrão de educação clássica e cristã, que eram prototípicos da educação linguística do Renascimento português.

A gramática de Anchieta foi um dos materiais didáticos que chegou à posteridade, oriunda desse período da educação linguística no Brasil. O caráter plurilíngue inicial do Brasil quinhentista e o sistema de ensino de línguas pelo *modus parisiensis*, são perceptíveis na gramática e na educação humanística, que preconizava o ensino de línguas pelo método direto ou natural, o *usus*. Traços desse período histórico e da corrente de pensamento linguístico da época, que encontramos na obra de Anchieta.

A Linguística Missionária analisa o pensamento linguístico com finalidade missionária, o que se pode encontrar nas obras que compõem os *Monumenta Anchieta*. Com diversos traços da época, o conjunto de obras de Anchieta apresenta uma visão panorâmica do pensamento linguístico no Brasil quinhentista. José de Anchieta atuou como missionário, desde que chegou ao Brasil em 1553, com dezenove anos, até o ano de sua morte em 1597, aos sessenta e cinco anos (VIOTTI, 1966).

A sua obra literária, que perpassa por diversos gêneros, evidencia um projeto literário cuidadosamente construído, que preconizava o ensino de línguas pelo método direto, ou método natural. Uma das hipóteses de análise desse *corpus* é que suas obras literárias teriam a função de material didático para os cursos ministrados entre 1549 e 1599, antes da *Ratio atque Institutio Studiorum* ter sido efetivamente adotada. É necessário talvez ainda analisar mais fontes que corroborem essa hipótese, mas o fato de duas obras de Anchieta terem sido publicadas em Coimbra, em 1563 e 1595 se justificam na medida que esses textos poderiam ser lidos ou estudados por quem se transferisse para o Brasil, como parte de um projeto pedagógico.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, C. As partes da oração na tradição gramatical do Tupinambá / Nheengatu. *Limite*, Cáceres, n. 6, p. 11-51. 2012.
- ANCHIETA, J. de. *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Edição de Armando Cardoso. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- ANCHIETA, J. de. *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: Antônio de Mariz, 1595.
- ANCHIETA, J. de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.
- BATISTA, R. O. Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 121-147. 2005.
- CÍCERO. *Em defesa do poeta Árquias*. Tradução de Maria Isabel Rebelo Gonçalves. Lisboa: Inquérito, 1986.
- FARIA, E. *Introdução à didática do latim*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.
- KALTNER, L. F. Monumenta Anchieta, Latinidade e o trabalho filológico de Armando Cardoso. In: SOUZA, I. V. (org.) *Grandes Temas da Educação Nacional 4*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, p. 202-219.
- LAGÓRIO, C. A. & FREIRE, J. B R. Aryon Rodrigues e as Línguas Gerais na historiografia linguística. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, n. 30 especial, p. 571-589. 2014.
- LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomos I e II. Porto: Tipografia Porto Médico, 1938.
- MANACORDA, M. A. *História da educação: da antiguidade aos nossos dias*. Tradução de Gaetano Lo Monaco. São Paulo: Cortez, 2006.
- MASSEBIEAU, L. *Schola Aquitanica – Programme d'études du Collège de Guyenne au XVIe siècle*. Paris: Delagrave, 1886.
- MIRANDA, M. As artes do Real Colégio das Artes. Entre a sua matriz e outra. *Biblos*, Coimbra, n. 9, p. 11-31. 2011.
- NAVARRO, E. A. O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta. PINHO, S. T. & al. *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)* Tomo I. Coimbra: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2000, p. 385-406.
- PINHO, S. T. Palavras de abertura na sessão inaugural. In: PINHO, S. T. & al. *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)* Tomo I. Coimbra: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2000, p. 19-25.
- RAMALHO, A. *Para a história do humanismo em Portugal – volume V*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

REGIMENTO que levou Tomé de Souza governador do Brasil, Almerim, 17/12/1548. Lisboa, AHU, códice 112, fls. 1-9. Disponível em: http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/2018-04/Regimento_que_levou_Tome_de_Souza_governador_do_Brasil.pdf . Acesso em: 03 ago. 2018.

RODRIGUES, A. D. Tarefas da linguística no Brasil. *Estudos Linguísticos (Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada)*, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 4-15. 1966.

ROMEO, R. P. de L. Gramaticografia e lexicografia em Portugal durante o século XVI: do latim ao português. *Limites*, Cáceres, n. 9, p. 45-65. 2009.

SANTOS SOBRINHO, J. A. *Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produção: discursos, práticas, representações, proposta metodológica*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. 2013.

SWIGGERS, P. A Historiografia da Linguística: objeto, objetivos, organização. *Revista Confluência*, Rio de Janeiro, n. 44/45, p. 39-59. 2013.

TORRES, A. Humanismo inaciano e artes de gramática de Manuel Álvares entre a “ratio” e o “usus”. In: TORRES, A. (org.). *Gramática e linguística. Ensaios e outros estudos*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1998, p. 83-102.

TANNUS, A. C. Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal. *Calíope, Presença Clássica*, Rio de Janeiro, n. 16, p.13-31. 2007.

VASCONCELOS, S. de. *Vida do venerável padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu*. Lisboa: Oficina de João da Costa, 1672.

VIOTTI, H. A. *Anchieta – apóstolo do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1966.

ZWARTJES, Otto. *Portuguese missionary grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 12, 15, 16, 26, 46, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 104, 109, 110, 128, 136, 152, 159, 164, 179

B

Boi Bumbá 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 127

Brasil 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 28, 29, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 66, 89, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 115, 120, 140, 155, 164, 166, 169, 170, 171, 179, 191, 192

C

Conto 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Cultura 5, 16, 21, 38, 41, 47, 48, 49, 64, 66, 67, 68, 70, 94, 95, 98, 101, 102, 115, 118, 119, 126, 147, 148, 149, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 177, 192

D

Dança 93, 99, 100, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 139, 142, 147, 148, 149, 156

Discurso 5, 7, 8, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 48, 67, 74, 83, 95, 152, 154, 159, 160, 166

E

Ensino da arte 91, 92, 94, 98, 99, 102

Escrita de si 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90

Estágio 17, 19, 103

F

Filme 66, 67, 76, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171

G

Gramática 1, 2, 3, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 46, 47, 50, 52, 53, 57

H

Historiografia 1, 2, 3, 15, 16, 152, 159

I

Iconicidade 128, 133, 134, 135, 136

Igualdade 161, 163, 167, 170

Indicialidade 128, 133, 134, 136

Indígena 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 48, 49, 120, 122, 124, 125, 126

Interpretação 30, 33, 34, 51, 52, 56, 57, 62, 154, 158, 159, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 190

L

Letramento 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 90

Letras 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 26, 36, 40, 64, 80, 90, 103, 119, 120, 150, 161, 172, 191, 192

Língua estrangeira 51, 52, 53

Língua portuguesa 17, 18, 19, 20, 22, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 41, 43, 50, 64, 66, 67, 71, 140, 141, 147, 149, 183, 184, 191, 192

Linguística 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 14, 15, 16, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 34, 39, 43, 46, 48, 64, 118, 127, 130, 135, 138, 153, 192

Literatura 8, 16, 35, 38, 42, 48, 49, 52, 75, 83, 88, 90, 95, 162, 163, 164, 171, 192

M

Memórias 82, 84, 104, 140, 142, 151, 153, 159

Meta-História 151, 159, 160

Movimento 5, 67, 78, 85, 91, 93, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 153, 162, 163, 164

Música 19, 20, 21, 51, 52, 55, 56, 61, 67, 93, 97, 99, 100, 116, 119, 120, 122, 124, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 137, 144, 146

N

Negro 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171

P

Processo de aprendizagem 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 62, 174, 177, 178

Psicopedagogia 173, 174, 175, 176, 178, 179

R

Resolução de problemas 180, 181, 182, 190, 191

T

Texto 2, 3, 5, 7, 9, 27, 29, 31, 32, 34, 40, 45, 47, 57, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 83, 130, 138, 151, 153, 154, 159, 184, 185, 186, 188, 190

Toadas 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 126, 127

Tupi 8, 13, 14, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 124, 125, 126

Tupinologia 37, 40, 41, 42, 49

 **Atena**
Editora

2 0 2 0